

da Literatura na Universidade Federal do Ceará, da Universidade de Fortaleza, e Adjunto de Catedrático do Magistério do Exército. Membro do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará. Publicou, além da obra citada: *A Dinâmica dos Pronomes Pessoais em Espanhol*, 1966; *Convivências — Estudos de Teoria Literária*, 1969; Tradução do livro de Magalón Barceló — *A Literatura Espanhola do Século de Ouro*, 1971. Falando de seu livro sobre Araripe Júnior, assim se expressou Emanuel de Moraes, crítico do *Jornal do Brasil*: “Pedro Paulo Montenegro, em cuja bagagem universitária já leva outros títulos, que bem o situam como estudioso, demonstra o que se poderá chamar de renovadora orientação, com esse *retorno* às fontes da crítica brasileira.”

25

PATRONO

Manuel de OLIVEIRA PAIVA. Filho de João Francisco de Oliveira e Maria Isabel de Paiva. Nasceu em Fortaleza, a 12 de julho de 1861, e faleceu, na mesma cidade, em 29 de setembro de 1892. Da sua infância pouco ou nada é sabido, e vamos encontrá-lo, já adolescente, no Crato, onde cursou o Seminário. Não se reconhecendo apto para a vida eclesiástica, abandonou o Cariri, viajando em seguida para o Rio de Janeiro, no intuito de seguir a carreira das armas. Matriculou-se na Escola Militar e ali esteve até que a tuberculose pulmonar o obrigou a abandonar os estudos. Voltou ao Ceará e procurou a cura da doença nos ares sertanejos. Experimentando melhoras sensíveis, julgou-se curado e estabeleceu-se em Fortaleza. A esse tempo as lutas abolicionistas estavam acesas e o jovem escritor integrou-se no grupo do jornal *Libertador*, do qual faziam parte João Cordeiro, Antônio Bezerra e outros. Dedicou-se apaixonadamente à idéia libertadora, militando na imprensa e na tribuna, escrevendo crônicas e versos, combatendo sem tréguas, mesmo ainda quando em terras cearenses cessara de existir o cativo. Contudo, após o 25

de Março de 1884, a sua atividade mental derivou, com maior constância, para o exercício da literatura. Foi um dos fundadores, em 15 de novembro de 1886, do Clube Literário, de tanto relevo nos anais da literatura cearense e em cuja revista *A Quinzena* colaborou assiduamente. Extenuado pelas campanhas políticas, pela constante atividade literária, recaiu e teve que se refugiar nos sertões de Quixeramobim, donde regressaria para logo morrer. Ressurgiria, entretanto, para a glória literária com o seu grande romance de costumes *Dona Guidinha do Poço*, cujo tema fora encontrar na vida real, no drama da filha do Capitão-mor de Quixeramobim, Maria Francisca de Paula Lessa (*A Guida do Poço da Moita*), casada com o cel. Domingos Vítor de Abreu e Vasconcelos, a quem, segundo a crônica, mandou assassinar. A origem do romance foi denunciada por Ismael Pordeus, que num trabalho admirável de pesquisa exumou documentos pelos quais se infere que neste caso a arte imitou a vida. E assim procedendo, o romancista realizou um grande trabalho de mimésis, pois que nada no livro denuncia a servidão do assunto, e o que antes se lhe percebe é a legítima obra de arte, a ficção romanesca. Morto Oliveira Paiva, os originais do romance andaram de mão em mão, inclusive na de José Veríssimo, que lhe iniciou a publicação em capítulos, na *Revista Brasileira* (1899). Depois de uma série de dificuldades, principalmente porque fora extraviado, quando em poder de Lopes Filho, a sra. Lúcia Miguel Pereira encontra o manuscrito sob a guarda do poeta Américo Facó e promove a sua publicação (Edição Saraiva, 1952 — São Paulo). João Gaspar Simões, referindo-se ao livro, assim se expressa: “Só Camilo, em Portugal, teria podido ombrear-se com o autor de *Dona Guidinha do Poço*, embora, a verdade diga-se, Oliveira Paiva lhe levasse a palma na construção da intriga e na objetividade dos retratos.” Também escreveu a novela *A Afilhada*, trabalho pouco amadurecido, o qual publicou em folhetins do jornal *Libertador* (6 de fevereiro a 29 de abril de 1889); entre 1887 e 1888 publicou uma série de contos em *A Quinzena*, dos quais se pode destacar o intitulado “Corda Sensível”, publicou ainda outros trabalhos de menor significação, dentre eles a peça *Tal Filha, Tal Esposa*, e mais crônicas

e versos de circunstância. Começou as suas atividades literárias escrevendo pequenas peças de ficção para a *Cruzada*, órgão da Escola Militar, e para *A Semana*, de Valentim Magalhães.

1º OCUPANTE

Antônio PÁPI JÚNIOR. — Ver *Patronos*.

OCUPANTE ATUAL

CARLYLE de Figueiredo MARTINS. Nasceu em Fortaleza, no dia 16 de junho de 1899. Filho de Augusto Dias Martins e Roca de Figueiredo Martins. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1925. Foi representante do Ministério Público, Juiz Municipal e Juiz de Direito em várias comarcas cearenses. Poeta e crítico literário, colabora constantemente nos jornais e revistas do Ceará e de outros centros do País. “Poucos joalheiros das rimas, servindo-se da matéria-prima dos belos sentimentos, têm conseguido como ele criar obras tão delicadas e perfeitas.” Os seus versos contêm, de fato, a sensibilidade de um lirismo enternecedor. É sócio correspondente de mais de sessenta entidades culturais do Brasil e do estrangeiro. Não cessa de produzir literariamente, o que mostra a sua alentada bibliografia. Publicou: *Evangelho do Sonho*, 1931; *Caminho Deserto*, 1934; *Templo em Ruínas*, 1937; *Colete de Rosas*, 1938; *Âncora de Estrelas*, 1940; *Canto do Peregrino*, 1944; *José Maria (Versos a Meu Filho)*, 1952; *Irineu Pinheiro (Aspectos da sua obra Histórica)*, 1952; *Antônio Martins (Um Grande Abolicionista)*, 1953; *João Lopes (Síntese de Uma Vida Ilustre)*, 1955; *Na Serra* (poemas), 1956; *A Lagoa de Messejana* (poema), 1956; *Paisagens do Meu Destino*, 1957; *Visão do Saara* (poema), 1958; *Meu Senhor do Bonfim*, 1958; *Pápi Júnior (O Homem e o Romancista)*, 1959; *Alma Rude* (contos regionais), 1960; *Sinfonia do Entardacer*, 1960; *Dentro da Noite*, 1960; *Vicente de Carvalho (Glória da Poesia Nacional)*, 1967; *Coração de Pai*, 1967; *Jornada Lírica* (Trovas de Amor), 1967; *Pássaro Erradio*, 1968; *Rimas de Outrora* (trovas), 1968; *Em Louvor de Nossa Senhora* (sonetos), 1971; *Mensagem das Horas Tardias*, 1972.